MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
Praça Conselheiro Rodrigues Alves - nº 48 - 2º andar
2001 nº 216

O SOL DE GUARATINGUETÁ



Entre as mulheres guaratinguetaenses, é preciso destacar a história de **Maria das Dores Cristina dos Santos**, que viria a ser apelidada de "o sol de Guaratinguetá" e cuja vida daria um romance. Nasceu na então Vila de Santo Antônio de Guaratinguetá por volta de 1826. Era filha do Capitão Francisco da Silva Barros, senhor de engenho na Capela de Aparecida e Oficial Nobre do II Regimento de Cavalaria Miliciana, e de Anacleta Policena dos Santos, natural de Guaratinguetá.

Ainda muito jovem Maria Cristina vem a se casar na Capela de Aparecida com Delfino Serafim dos Anjos Triunfo e desse casamento nascem dois filhos, Ernesto e Henrique que faleceria ainda menino.

Após o nascimento dos filhos, Delfino adoece de uma moléstia que o traria preso ao leito por vários anos, impossibilitado de trabalhar.

Com dificuldades financeiras, Maria Cristina emprega-se como costureira na Fazenda do Carmo, em Lorena, de propriedade do então

Barão e futuro Visconde de Guaratinguetá, Francisco de Assis Oliveira Borges.

Corria o ano de 1854. O Barão acabara de enviuvar da primeira esposa Ana Silvéria Umbelina do Espírito Santo, falecida ao dar à luz seu 14º filho.

E foi na casa-grande da Fazenda do Carmo, em Lorena, que o Barão se deslumbraria ao deparar, pela primeira vez, com os cabelos dourados de Maria Cristina, ajoelhada perante a imagem de Nossa Senhora do Carmo, padroeira da fazenda. Esculpida em madeira policromada, mandada vir da Espanha pelo titular, esta imagem ainda existe na nova sede da fazenda, propriedade da família Vilela Nunes.

Do relacionamento do então Barão de Guaratinguetá com Maria das Dores Cristina, nasce a filha mais velha do casal, Anacleta Cristina dos Santos.

Delfino, marido de Maria Cristina, falece poucos meses depois do nascimento de Anacleta Cristina.

Com a viuvez, Maria Cristina passou a residir na Fazenda do Carmo, com o filho de Delfino, o menino Ernesto.

Nos quatro anos de união de Maria Cristina com o Barão, entre 1854 e 1858, mais duas filhas viriam unir a juventude do "sol de Guaratinguetá" à meia idade do Barão, já entrado em 52 anos: Maria Francisca de Assis e Maria da Glória de Oliveira.

Enquanto Maria das Dores Cristina esperava uma definição do titular para sua situação conjugal, já que ambos eram viúvos, o Barão apaixona-se por Amélia Augusta Cazal, nascida em 1830 em Guaratinguetá, filha do cirurgião-mor português Rafael José Cazal e de Marguerite Penel,

suíça. Também loura e bonita, Amélia Augusta casa-se com o rico Barão de Guaratinguetá. A cerimônia foi realizada no sobrado ao lado da Igreja do Rosário, no local onde hoje se ergue o Centro Social de Guaratinguetá - Museu Frei Galvão. Era esta a mesma residência onde o Barão vivera com a primeira esposa e onde haviam nascido os 14 filhos desse consórcio.

Nesse sobrado ainda nasceriam os 7 filhos de Amélia Augusta, entre eles a lendária Maria Augusta.

Com este novo casamento, as visitas do Barão para suas filhas e para Maria Cristina, na Fazenda do Carmo, se tornaram cada vez mais raras.

Abandonada e só, desesperada com a situação conjugal, social, financeira, Maria Cristina foge para a chácara da mãe, já viúva, Dona Anacleta Policena e, saudosa das filhas, manda um escravo raptá-las.

Após várias tentativas, o escravo consegue apoderar-se somente da mais velha, Anacleta Cristina. Enlouquecida com o recente falecimento da filha mais nova, Maria da Glória, de 2 anos, Maria Cristina tenta ir pessoalmente à Fazenda do Carmo, altas horas da noite, encapuzada e com a ajuda de dois escravos, para raptar a segunda filha que tivera com o titular, Maria Francisca de Assis.

Tentativa frustrada. O Barão já havia levado em sua companhia Maria Francisca de Assis para interná-la, com apenas 3 anos, no Colégio Imaculada Conceição na Praia de Botafogo, no Rio de Janeiro.

Maria das Dores Cristina dos Santos, "o sol de Guaratinguetá", desiludida e revoltada com a separação das filhas, na companhia somente de Anacleta e do único filho de Delfino, Ernesto, resolve então aceitar o pedido de casamento de

um conceituado fazendeiro de Lorena Domiciano José da Silva Borges e passa a viver nessa cidade onde viria a ser mãe de mais duas filhas.

Por Carta expedida pelo Juízo Municipal de Guaratinguetá em 20 de março de 1859, o Visconde de Guaratinguetá legitimou como suas filhas Maria Francisca de Assis e Maria da Glória, falecida na infância. Anacleta Cristina dos Santos, a mais velha, permaneceria ilegítima e se casaria na Matriz de Lorena em 1870 com o Capitão Antônio Leme dos Santos, vindo a ser mãe de 10 filhos. Quanto a Maria Francisca, só sairia do colégio após 15 anos de estudos aprimorados, para se casar em 1876, com José Francisco Guimarães França - o Capitão Roseira, abastado fazendeiro em Guaratinguetá e arredores.

Casou-se em Guaratinguetá no novo palacete de seu pai, já então, Visconde de Guaratinguetá. Passou a residir na antiga rua Verde (atual Rafael Brotero - nº 127), em casarão já demolido. Deixou 7 filhos, dos 15 que tivera.

O Visconde de Guaratinguetá que faleceu em São Paulo 3 anos antes de Maria Cristina, a 19 de abril de 1879, dotou em seu testamento não só os filhos que tivera em seu relacionamento com o "sol de Guaratinguetá", como também o primeiro filho de Maria Cristina com o primeiro marido, deixando um importante legado de 2 contos de réis para Ernesto. Para Maria Francisca de Assis deixou o remanescente da terça e para Maria Cristina a quantia de 1 conto de réis, quantia ínfima para a mulher que iluminou como "sol" a fase mais romântica da vida do titular, um dos mais poderosos homens públicos de Guaratinguetá no século XIX.

Nota - O palacete do Visconde que ficava no local onde hoje se ergue a Escola Estadual "Conselheiro Rodrigues Alves", desapareceu com um incêndio no ano de 1916.

Guaratinguetá, 30 de abril de 2001.

Maria Isbella Maia Fabiano